

O velho na sociedade de consumo

The old people in a consumer society

Eliane Righi de Andrade*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar algumas representações dos idosos que são apresentadas nos livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio, aprovados pelo PNLD, a fim de discutir que tipos de representação estão sendo disseminadas por esse material didático para os alunos e para a sociedade em geral. Embasamos nossa investigação numa perspectiva discursiva da linguagem, utilizando-nos dos estudos de Pêcheux e Foucault principalmente e buscando as relações entre língua e história, a partir das formações discursivas. Para isso, pretendemos analisar as representações dos idosos que emergem dos recortes discursivos, selecionados de algumas coleções de livros didáticos, e discutir os efeitos de sentido que essas representações podem sugerir sobre sua identidade e seu papel na sociedade. Podemos concluir que a maioria das imagens analisadas compara os idosos a objetos de consumo, antiquados e obsoletos, disseminando um imaginário negativo deles para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Representações de idoso. Livro didático de português. Análise do Discurso.

ABSTRACT: This article aims at describing and analyzing some of the representations of old people that are presented in Portuguese textbooks for Ensino Médio, which were approved by PNLD, in order to discuss what kinds of representation are being spread by this didactic material to students and society. We base our investigation on a discourse perspective of language, using mainly Pêcheux and Foucault's studies, and searching for the relations between language and History, considering the discursive formations. For this purpose, we intend to analyze the representations of old people that emerge from discourse excerpts selected from some textbook series and discuss some effects of meaning that those representations can suggest about their identity and their role in society. We can conclude that most of the images analyzed compare old people to outdated and obsolete objects of consumption, disseminating a negative imaginary about them to society.

KEYWORDS: Old people's representations. Portuguese textbooks. Discourse Analysis.

Introdução e objetivos

* Doutoranda e pós-doutorada em Linguística Aplicada pela Unicamp, mestrada em Educação pela PUC e bacharelada e licenciada pela USP em inglês/português. Atuo, hoje, como professora de língua inglesa, gramática e redação no curso de Letras Inglês/Português na PUC-Campinas, onde também sou professora-pesquisadora.

Neste artigo, nossa proposta é articular dois eixos de importância para os estudos do discurso e das identidades na contemporaneidade: as representações dos idosos e o discurso didático-pedagógico apresentado nos livros didáticos utilizados para língua portuguesa no ensino médio.

Pensamos que o estudo das representações do idoso e do que é concebido socialmente como velho nos livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio é de relevância para os estudos do discurso e, conseqüentemente, para o estudo da formação das identidades, por dois motivos principais: primeiramente, porque o livro didático se projeta, ainda, como principal recurso pedagógico no ensino de língua portuguesa em grande parte das escolas. A distribuição nacional gratuita dos livros didáticos para o ensino médio, via PNLD 2012 (Programa Nacional do Livro Didático), antes destinada apenas ao ensino fundamental, vem reforçar a hipótese de que o uso do livro didático mantém-se como recurso hegemônico no ensino-aprendizagem de línguas, sejam elas a materna ou a estrangeira, em nosso país.

Outra questão que nos impele a esse estudo é o crescimento significativo do número de idosos na composição da sociedade brasileira, com sua conseqüente necessidade de inserção maior no mundo social, com reconhecimento de suas necessidades específicas, de seus direitos e da sua identidade em transformação.

Em relação à inserção do idoso na sociedade, ela também se dá através da educação regular. O próprio Estatuto do Idoso, aprovado em 2003, vem contemplar algumas das reivindicações sociais desse grande grupo, propondo, em um de seus artigos (especificamente o 22) que "nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria" (PAIM, 2003), o que implica pensar sobre o que é veiculado nos livros didáticos.

Dessa forma, propomo-nos a discutir quais as representações de idoso que têm sido apresentadas nos livros didáticos de língua portuguesa destinados ao ensino médio e que foram aprovados pelo PNLD 2012 (Programa Nacional

do Livro Didático), apontando elementos da construção do imaginário social sobre o idoso, através dos efeitos de sentido que emergem da análise da materialidade linguística em articulação com as condições de produção do discurso do livro didático.

Fundamentação teórica

Nosso trabalho, de natureza discursiva, embasa-se principalmente nos estudos de Análise do Discurso de linha francesa e nos de Foucault, procurando articular a língua em seus dois aspectos fundamentais: estrutura (materialidade) e história (contexto histórico-social), empreendendo um estudo da língua como discurso, ou seja, da estrutura no acontecimento (PÊCHEUX, 1997), trabalhando ainda com os sistemas de exclusão e rarefação dos discursos e dos sujeitos (FOUCAULT, 2002) e estabelecendo gestos de interpretação sobre a materialidade, os quais estão condicionados pelas relações de poder (FOUCAULT, 2004a) que circulam na sociedade, principalmente por meio dos discursos hegemônicos, que fazem as representações ecoarem na formação das identidades. Para Foucault (2004b), o discurso se constrói a partir de um conjunto de enunciados que possui um mesmo sistema de formação, o que implica regularidades e a possibilidade de dispersão dos sentidos estabilizados.

Os primeiros conceitos da AD que estudamos e analisamos foram os de interdiscurso e intradiscurso. O interdiscurso, segundo Gregolin (2006), diz respeito à memória discursiva que constitui o sujeito, aos sentidos que foram sendo construídos e circularam ao longo da história, com a formação de novos enunciados em determinados momentos históricos, constituídos de diversas vozes. Pêcheux (1988) acredita que no interdiscurso estão todos os discursos que foram produzidos ou que seriam possíveis de serem produzidos. Já o intradiscurso, segundo Gregolin (2006), é linear e se materializa na língua, ou seja, é a materialidade linguística, conceito definido por estrutura enunciativa de um enunciado, sua estrutura prosódica e léxico-sintática, a parte concreta da língua, sem levar em consideração, portanto, o contexto histórico-social.

Esses conceitos condizem com o material discursivo que analisamos em nosso trabalho, uma vez que, ao procurar indícios do imaginário do idoso no discurso didático-pedagógico, lidamos com o interdiscurso, com tudo o que já foi dito e com as ideias que foram sendo construídas em relação ao idoso, constituindo, assim, um imaginário social sobre ele. Tudo isso será analisado a partir da materialidade linguística (intradiscurso) presente nos livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio.

Permeando as memórias discursivas que constituem o sujeito e produzem sentido ao longo da história estão as formações discursivas, as filiações, os valores herdados, os sistemas simbólicos que compartilhamos, alguns conscientes, outros não (PÊCHEUX, 1997). Tais sistemas determinam o que pode e deve ser dito e, portanto, estão ligados a relações de poder e de saber. Foucault (2004b) relaciona as formações discursivas à possibilidade de construção dos efeitos de sentido, das regularidades e dos sistemas de dispersão.

Segundo Foucault (2002), a sociedade, circunscrita por relações de poder, acaba criando procedimentos de exclusão e de rarefação do discurso. O autor cita três sistemas de exclusão, os quais são a interdição (a palavra proibida); a segregação da loucura (o autor retoma a Idade Média, quando aqueles cujos discursos não podiam circular eram chamados de loucos e sua palavra era considerada apenas um "ruído") e a vontade de verdade (a qual exerce sobre os outros discursos uma espécie de pressão). Tratando dos sistemas de rarefação, estes classificariam áreas proibidas e áreas abertas do discurso, criando sociedades do discurso e doutrinas que ligariam os indivíduos a certos tipos de discurso e lhes proibiria outros.

Em nosso projeto, trabalhamos basicamente com os sistemas de exclusão do discurso, já que não é dada, na maioria das vezes, a voz ao idoso no livro didático ou o seu discurso é desacreditado pela sociedade contemporânea. Partindo do pressuposto de que o discurso presente nos livros didáticos é criado a partir de relações de poder (os criadores dos livros são, na maioria, professores, cuja autonomia já é limitada pelas editoras, além das

recomendações e exigências dos documentos oficiais; os avaliadores dos livros didáticos são geralmente professores universitários de diversas instituições renomadas do país, que seguem, além de suas tendências teóricas, os critérios avaliativos determinados pelo PNLD), vamos analisar se o discurso do idoso está sendo excluído ou se o discurso *sobre* ele está, de alguma forma, contribuindo para desvalorizá-lo socialmente.

Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, entendendo a interpretação como o ato de reinscrever o resultado da análise (PÊCHEUX, 1983), ou seja, diante dos recortes discursivos que compõem o *corpus* do projeto, devemos questionar: "Quando foi escrito? Para quem? Por quê?", e assim produzir gestos de interpretação sobre os dizeres. O *corpus*, para Pêcheux (1983), é o ponto de partida de uma análise de discurso. Ele é constituído de recortes discursivos, que formam um conjunto de traços empíricos, cuja produção é determinada por condições sócio-culturais e por relações de poder. Neste projeto de pesquisa, especificamente, serão coletados recortes discursivos selecionados de livros didáticos de português para o Ensino Médio, os quais dizem respeito ao modo como os idosos são representados nos diferentes gêneros textuais apresentados nos livros.

Ao analisar os dizeres, precisamos levar em consideração os sujeitos que tomam a palavra nos discursos abordados. Consideramos relevante a forma como Pêcheux (1983) pensa a respeito do sujeito do discurso. O autor menciona em seus estudos um "sujeito da enunciação" e uma "posição de sujeito". Para ele, o sujeito do discurso não é dono do seu próprio dizer, mas é assujeitado às formações discursivas com as quais ele se identifica. O sujeito da enunciação seria o ego-eu, o eu enunciador que coloca em cena "sua" sequência discursiva, imaginando ter um controle sobre o que diz, mas que, às vezes, lhe escapa (sujeito do inconsciente). Cada sujeito assumiria diferentes posições em determinados momentos, de acordo com as formações discursivas às quais eles respondem. O sujeito do discurso é marcado por discursos hegemônicos de seu contexto histórico-social, por exemplo, o religioso, o econômico, o midiático etc.

Todo o material discursivo analisado foi influenciado pelas condições de produção do discurso didático-pedagógico, as quais também devem ser consideradas na produção dos discursos. Entendemos que analisar as condições de produção de um dizer é entender o contexto histórico-social em que ele foi produzido, o momento da enunciação, as características do enunciador e seus objetivos. No caso deste projeto, procuramos entender como as coleções de livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio, aprovadas pelo PNLD, foram selecionadas e avaliadas, saber como se relacionam aos documentos oficiais (Diretrizes Curriculares Nacionais e PCN), articulando tais informações, ainda, ao modo como o professor é orientado a utilizar o livro didático em sala de aula.

O principal objetivo do nosso trabalho é, por meio da interpretação dos dizeres sobre o idoso no livro didático, refletir sobre qual a influência que esse imaginário constituído exerce sobre a construção da identidade dos alunos.

Para tanto, estudamos o conceito de identidade via três autores: Hall (1997), Bauman (2005) e Woodward (2000). Hall (1997), antes de tratar do conceito de identidade nos tempos atuais, resgata na história as concepções de sujeito que foram, com a passagem do tempo, sendo modificadas. O autor, então, cita três concepções de sujeito, as quais encaravam a identidade de modos diferentes. A primeira concepção é a do sujeito do Iluminismo, uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade, o qual tem total controle sobre o que diz; a segunda é a do sujeito sociológico, uma concepção interativa da identidade e do eu, segundo a qual o núcleo do sujeito é formado na relação com outras pessoas importantes para ele; a terceira e atual concepção é a do sujeito pós-moderno, que não é centrado, não tem controle sobre o que diz, não tem identidade fixa, essencial ou permanente. Esse sujeito tem sua identidade definida pela história, pelo contexto em que está inserido e assume identidades diferentes, dependendo do momento. Podemos perceber também que esse sujeito de hoje, influenciado pelas diversas mídias, tem construído identidades superficiais baseadas em valores com os quais não tem identificações profundas.

Segundo a visão de Bauman (2005, p.36), "identificar-se com" significa "dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar" e, para ele, o anseio por uma identidade vem do desejo de segurança. O autor aponta que vivemos em uma época em que transformações e mudanças ocorrem com muita rapidez, devido ao advento da globalização. Influenciada por esses valores da contemporaneidade, a identidade está sempre em transformação e, pela falta de valores, ideias e princípios mais estabilizados, as pessoas têm cada vez mais dificuldade em definir uma identidade fixa e dar a ela uma certa consistência (BAUMAN, 2005). Para ele, esse momento pode ser caracterizado como "Modernidade Líquida", uma vez que, assim como os fluidos, os quais são leves e se movem facilmente, a pós-modernidade é caracterizada pela mobilidade e pela inconstância (BAUMAN, 2001).

Woodward (2000) acredita que a identidade é produto da memória discursiva e do contexto histórico social do momento. Ela ressalta a ideia de que a identidade só tem sentido quando relacionada à diferença (a uma cadeia de significação formada por outras identidades, que são mutáveis). Segundo essa visão, nossa identidade porta sempre o traço do outro, daquele que é diferente de nós. Tratando da constituição da identidade, a autora afirma que esta é uma instituição social e cultural, produzida por meio de atos de linguagem e representada por sistemas simbólicos, por meio dos quais adquire sentido, constituindo as chamadas "representações".

Segundo Woodward (2000, p.17), "a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeito", ou seja, nós damos sentido àquilo que somos e à nossa experiência de vida por meio dos significados produzidos pelas representações. A representação é um processo cultural e é a partir dos sistemas de representação que nos posicionamos e podemos falar, o que se relaciona aos sistemas de exclusão e de rarefação do discurso, discutidos por Foucault (2002).

Para Falcon (2000), a representação constrói o sujeito e o sujeito também constrói representações. Para ele, as representações sociais têm grande importância na produção historiográfica atual, pois, conforme nosso entendimento de representação será o nosso conceito de história e de discurso histórico. Citando Elias (apud FALCON, 2000), o autor associa representação ao imaginário social, dizendo que este define lugares e hierarquias, direitos e deveres e constitui um elemento decisivo de controle da vida coletiva, incluindo aí o exercício de poder.

Após estudarmos os conceitos de identidade e representação, relevantes ao nosso trabalho, refletimos a respeito dos livros didáticos que, dominados por relações de poder, são capazes de construir imaginários sociais (representações) do idoso que exercem sobre os alunos um poder de coerção, fazendo-os construir, a partir dos dizeres dos livros, o seu próprio imaginário do idoso.

Considerando que esses alunos estão profundamente envolvidos na "modernidade líquida", recebendo chuvas de informações diárias e sendo dirigidos também a um consumismo excessivo, voltamo-nos, em nossa reflexão, aos pensamentos de Lasch (1991) que, embora refiram-se à constituição subjetiva vigente na sociedade americana no final do século XX, ecoam sobre a sociedade ocidental como um todo, incluindo a brasileira. O autor aponta para uma formação narcisista da sociedade atual, em que o sujeito da "pós-modernidade" foca-se em si mesmo e não valoriza mais a experiência, os ensinamentos das gerações anteriores, não desejando passar seus conhecimentos para o futuro, já que não pensa na coletividade, mas em si mesmo. Envolvidos nisso, talvez os jovens alunos já tenham o pensamento de não se importar mais com um futuro mais distante, já que não estarão mais lá para usufruir desse tempo. Nossas análises nos revelam, assim, se os livros didáticos selecionados contribuem para que esse pensamento seja reforçado ou para que os alunos reflitam sobre suas atitudes em relação à velhice, criando novos significados para essa fase da vida.

Desenvolvimento da análise

A partir da análise de quatro coleções de livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio¹, aprovadas pelo PNLD 2012, chegamos a quatro eixos de análise, com a exploração dos recortes por temáticas que tornassem possível visualizar as regularidades e dispersões de sentido, nas representações do idoso ou do que é considerado “velho”, encontradas nos livros. Assim, temos:

1. A identidade em deslocamento do idoso;
2. O “velho” na sociedade de consumo;
3. O “velho” como obstáculo para a mudança;
4. O idoso como construtor de uma memória discursiva, responsável pela transmissão de conhecimento de geração em geração.

Como se pode observar nos títulos dos eixos, nosso *corpus* nos levou a ampliar nosso objetivo de análise, levando-nos a não apenas analisar representações do idoso, mas também representações daquilo que é considerado “velho”, o que abrange costumes conservadores em relação à pós-modernidade.

O foco de nossa análise está na identidade, considerando as representações identitárias que são construídas para os idosos ou para as pessoas consideradas mais conservadoras em relação aos valores contemporâneos e que emergem nas representações do nosso *corpus*, bem como aquelas que se constroem para os alunos (jovens) e que são influenciadas por essas representações que são disseminadas no livro didático.

Pela brevidade deste trabalho, apresentaremos a análise de quatro recortes do eixo 2, por considerá-lo em sintonia com as considerações teóricas aqui apresentadas e que puderam ser ressaltadas ainda mais na análise.

Segundo Bauman (2005, p.22), “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas” na contemporaneidade, e é isso que pudemos perceber em nossa análise, principalmente pela influência do mundo do consumo nas relações humanas,

¹ Português Linguagens, Ed. Saraiva; Linguagem em movimento, Ed. FTD; Viva Português, Ed. Ática e Novas Palavras, Ed. FTD.

que atribui ao homem a necessidade da satisfação do outro como motivo de sua existência (BAUMAN, 2005, p.71), levando os sujeitos a adequarem suas identidades de forma a ter alguma utilidade em meio a sua sociedade e se transformarem em simples objetos de gozo.

O idoso, neste caso, mostra-se fora do padrão, por conta de sua fixidez e de seu “conservadorismo” diante da mobilidade e da revolução presentes na sociedade consumista, o que será discutido e analisado ao longo dessa análise.

Neste eixo encontram-se recortes que mostram como a sociedade consumista, produto do modelo capitalista, representa as pessoas que são idosas (geralmente identificadas a aspectos conservadores, pois resistem aos avanços tecnológicos ou não conseguem acompanhá-los), comparando-as a mercadorias ultrapassadas, a produtos obsoletos, que podem ser descartados.

O recorte discursivo abaixo (RD1) foi retirado de uma série de atividades que trabalham com a interpretação de textos mistos, não verbais e verbais, como treinamento para o Enem e o vestibular.

RD1

(UFRN-RN) Os cartuns denunciam, com humor, problemas sociais e políticos, constituindo, assim, um poderoso instrumento de reflexão e formação de consciência crítica.

Explícite qual o problema social denunciado no cartum abaixo, justificando sua resposta com base em elementos apresentados, principalmente, no último quadrinho.



Considerando que o problema denunciado pelo cartum é o da rejeição ao idoso pelo mercado de trabalho, veja como poderia ser a resposta:

O cartum denuncia o problema do desemprego de pessoas idosas, rejeitadas no mercado de trabalho. Com a devolução do Sr. Agenor à família, sob a alegação de que a “data de validade” está vencida (ou seja, de que ele está com muita idade), o cartunista denuncia a condição social do trabalhador brasileiro, reduzido à condição de mercadoria.

Recorte 1: Cereja, William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Saraiva, volume 3, 2010, p. 404.

Ao tomarmos este recorte para análise, lidamos com dois discursos distintos: o discurso humorístico, presente na tirinha, que tem como característica provocar humor por meio de palavras e de imagens, e o discurso do politicamente correto, percebido na discussão do enunciador do texto a respeito do conteúdo da tirinha em questão.

Segundo Gruda, em nossa

sociedade do consenso (e humorística), dominada pelo respeito exacerbado a diferença e por um discurso ético moralizante extremista, o humor para poder ser aceito deve, de fato, ter reios, regras e parâmetros de “boa conduta” estabelecidos *a priori* e, tal qual a maioria das coisas no e do mundo atual, a comicidade também tem de estar adequada, fundamentada e sintonizada ao discurso do *politicamente correto*. (2011, p. 4).

Primeiramente, temos de trazer como condição de produção desse excerto que ele faz parte de uma prova de vestibular, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A questão que ele propõe inicia-se com uma explanação sobre o uso do humor para denunciar problemas sociais, pedindo para que o aluno explicito o problema que o cartum social denuncia. Só depois é que é apresentado o cartum ao leitor. Dessa forma, não há como saber se, em seu contexto primeiro de enunciação, denunciava-se mesmo a questão levantada ou ironizava-se a própria questão do idoso como alguém com data de validade vencida, numa analogia com a data de validade de produtos a serem consumidos. De qualquer forma, na ruptura da sequência lógica, o discurso humorístico apela para a graça como forma de ironia para criticar um comportamento social, neste caso.

Como o texto é composto por imagens, é necessário tomá-las para criar o efeito de sentido (seja ele de denúncia ou de ironia). Percebe-se, assim, que a cena é composta por três personagens: o que chega parece-nos um entregador, cujo produto (com data de validade vencida) é o Sr. Agenor. Isso coloca o idoso numa posição de objeto de consumo, que, nesse caso, já não pode ser mais consumido. Além disso, nota-se pela figura do Sr. Agenor que ele se encontra catatônico, estático, como se fosse uma estátua. Não há reações humanas em seu comportamento. A mulher, que parece representar no quadrinho a posição de esposa de Agenor, parece surpresa com a devolução, porém não reage à situação.

O Sr. Agenor vem acompanhado dos aparatos da longa idade (uma bengala), mas é transportado como se fosse um pacote qualquer. Notamos que a mulher, ao ser questionada pelo entregador, diz que ele *está trabalhando*, ao que o entregador retruca, dizendo que *estava*, ou seja, na materialidade linguística, nota-se que há uma alteração do tempo presente para o passado em relação ao "status" de trabalhador de Sr. Agenor, já que ele não faz mais parte do quadro de funcionários, pois foi "dispensado" pelo patrão.

Bauman (2004) comenta, em *Amor Líquido*, que na sociedade de consumo as pessoas também são tratadas como produtos e, quando não têm mais "serventia", são dispensadas como "lixo humano". Ou seja, as pessoas, como as coisas, têm uma vida útil. Depois desse tempo, elas passam a ser um "estorvo" numa sociedade caracterizada pelo consumo. É assim que o velho é representado socialmente, muitas vezes, embora se reforce, na questão proposta no livro didático, que o aluno explicita o problema denunciado, o que faz com que o discurso do politicamente correto se sobreponha à ironia e ao sarcasmo do discurso humorístico, tomado aqui como denúncia.

Embora haja o reforço do enunciador do exercício, criticando tal posição, o sujeito idoso é levado à condição de mercadoria. A identidade do Sr. Agenor é colocada em xeque, ele não é mais a pessoa que era, a qual podia contribuir socialmente com seu trabalho, com sua experiência. Ele se transforma em um "ninguém", não é mais o Sr. Agenor de antes. Isso parece ressaltar a falta de

importância atribuída às pessoas mais velhas, bem como a necessidade de deslocamento identitário por parte do sujeito, que se vê retirado de sua natureza social produtiva. O “patrão” é, nesse caso, o vilão, pois representa o capitalismo selvagem em sua forma mais agressiva, que faz com que as pessoas também sejam objetos descartáveis.

Dessa forma, este cartum só foi possível de ser inserido no livro didático pelo viés da crítica social, por levantar a questão do preconceito. De outra forma, não teria espaço num livro cujos princípios se fundam no respeito à diferença, como se observa nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (CNE/CEB, 2012, p.7).

Passemos para o próximo recorte, um representante do gênero publicitário. O recorte foi retirado de exercícios que trabalham a ambiguidade e a polissemia a partir de um anúncio publicitário.

RD2:



Anúncio do Banco Central do Brasil. Criação: Giovanni, FCB

1. A palavra *coroa* tem mais de um sentido, podendo se referir “ao símbolo da realeza, à parte superior do abacaxi, ao revestimento que se coloca sobre um dente danificado...”. Na publicidade, a imagem faz pensar em *coroa* no sentido de “reverso de uma moeda”. Mas, no contexto, a palavra *coroa* é empregada também como *gíria*, assumindo outro sentido. Qual é esse sentido?

Na publicidade, a palavra *coroa* assume o sentido de “algo antigo, velho”.

2. Que outros termos empregados nas frases da publicidade reforçam o sentido apontado no exercício anterior?

Os termos aposentar e antigas enfatizam o sentido de "velho", "antigo".

Recorte 2: Torralvo, Izeti Fragata; Minchillo, Carlos Alberto Cortez. *Linguagem em Movimento*. São Paulo: FTD, volume 1, 2010, p. 221.

Nesse recorte, percebe-se a representação do idoso ou do aposentado de maneira sutil, no uso de metáforas que produzem um efeito de sentido que remete a um "pré-conceito" sobre o que é velho quando analisadas em conjunto.

Apesar de a sugestão de resposta para o professor afirmar que a palavra *coroa*, nesta publicidade, tem também o sentido de *algo antigo, velho* - não considerando o sentido de pessoa idosa, mas de objetos velhos -, elementos utilizados para caracterizar a palavra *coroa* nos sugerem que esta se refere, sim, à pessoa idosa ou à pessoa que se aposenta e se torna velha para ser "usada" no mercado de trabalho.

Sabe-se que o termo *se aposentar* só pode referir-se a uma pessoa que, depois de ter trabalhado por muitos anos, obtém sua aposentadoria, não tendo mais a necessidade de trabalhar para obter seu sustento. Se o objetivo do anúncio fosse referir-se a um objeto, o verbo "aposentar" deveria ter sido utilizado como transitivo direto, como na frase "A mulher aposentou seus sapatos que estavam com a sola gasta". Partindo, portanto, do pressuposto de que *coroa*, neste caso, além de significar um dos lados de uma moeda, significa uma pessoa velha, vejamos de que maneira esta pessoa é representada. Em *Essa cara vai continuar valendo. Mas a coroa vai se aposentar*, entende-se, pelas imagens ilustradas, que a antiga moeda de um real vai sair de circulação, ou seja, não terá mais utilidade no mercado, e que a moeda que vai continuar tendo valor como dinheiro será a nova, que substituiu à antiga.

Num deslizamento de sentido, porém, entende-se que o fato de uma pessoa se aposentar significa que ela não tem mais valor na sociedade do consumo, que considera produtiva a pessoa que ainda pode contribuir para que o mercado de trabalho continue aquecido, gerando lucros (seria a pessoa que

“continua valendo”). O idoso ou aposentado, neste caso, é visto como alguém que já não é útil, não é produtivo e não tem mais valor na sociedade, comparado a um objeto que representa um valor monetário que sairá de circulação e que, se alguém tentar utilizar para fazer alguma compra, não vai conseguir, pois este objeto não terá mais valor de troca.

Vê-se, neste recorte, uma ligação com o recorte anterior, uma vez que ambos se referem, numa sociedade em que as pessoas são vistas como mercadorias, àqueles que não têm mais condições de trabalhar, perdendo seu “prazo de validade” e, portanto, não tendo mais nenhuma utilidade socialmente.

O próximo recorte faz parte de atividades gramaticais, envolvendo a polissemia.

RD3:

*Hoje você é uma uva;
mas, cuidado, uva passa.*

Revista Cláudia

Essa frase é constituída por duas partes: um elogio e um aviso (ou seria uma “ameaça?”).

A metáfora “Hoje você é uma uva” sugere que a leitora (ou mais especificamente a pele dela) é bonita, jovem, suave e que, por isso, merece ser protegida, preservada. A segunda parte tem sua força expressiva centrada na polissemia (dupla significação) da palavra *passa*, que pode ser interpretada como forma verbal (*passa* = termina, chega ao fim) ou como adjetivo (*passa* = em forma de pasta, amassada). Essa segunda parte lembra, portanto, que a beleza da leitora um dia vai acabar e, se ela não se cuidar, sua pele ficará parecendo uva-passa. Como se vê, o anúncio procura persuadir a leitora de que ela deve, desde já, combater essa “terrível” possibilidade, usando (evidentemente) o creme hidratante anunciado.

Recorte 3: Amaral, Emília; Patrocínio, Mauro; Leite, Ricardo; Barbosa, Severino. *Novas Palavras*. São Paulo: FTD, volume 2, 2010, p. 301

É inegável a influência do discurso publicitário na constituição identitária dos sujeitos. Pode-se perceber que, para todos os tipos de público e para todas as idades, os anúncios disseminam ideias que levam as pessoas a pensarem

que precisam dos produtos. Muitas vezes, essas ideias refletem estereótipos do mundo do consumo.

Nesse recorte, a ideia utilizada para vender um creme hidratante faz referência à influência da passagem do tempo na vida da mulher, mais especificamente, em sua pele. Não há, na frase destacada, nenhuma referência direta à beleza da mulher, mas à mudança no estado de sua pele. Porém, no texto que se segue, percebe-se uma interpretação que sugere que o anúncio trata da beleza, vista como algo efêmero, passageiro.

Quando o enunciador menciona que *a leitora (ou mais especificamente a pele dela) é bonita, jovem, suave e que, por isso, merece ser protegida, preservada*, ele faz referência ao processo de envelhecimento. A juventude é representada por uma pele *bonita, jovem e suave*. A velhice, se não preservar a juventude consigo (que merece ser protegida e preservada), acabará sem beleza, por conta da pele enrugada (*a beleza da leitora um dia vai acabar e, se ela não se cuidar, sua pele ficará parecendo uva-passa*).

Há uma relação, portanto, entre a pele enrugada e a perda da beleza. O estereótipo de que a mulher é bela quando é ou aparenta ser jovem é destacado no recorte. Para o enunciador, enquanto a mulher tem uma pele sem rugas, ela é bonita; se a mulher permite que sua pele fique enrugada conforme envelhece – o que é um processo natural da vida –, ela perde sua beleza, o que é *terrível*, segundo o enunciador, na explanação da metáfora. Reforça-se, portanto, a mesma imagem que o anúncio - preconceituosamente – pretende disseminar.

Esse medo de envelhecer e “perder a beleza da juventude” é muito comum na vida dos indivíduos, justamente pelo excesso de ideias que permeiam o mundo consumista de que a velhice não é um período da vida tão belo, tão saudável e, principalmente, tão produtivo quanto o da juventude. Muitas vezes, isso incomoda as pessoas de tal forma que elas “se apegam à ilusão da juventude até que esta não possa mais ser mantida, a ponto de terem que aceitar seu status de desnecessárias ou mergulhar em profunda depressão.

Nenhuma das soluções ajuda a tornar a vida mais interessante.”² (LASCH, 1991, p.213, tradução do autor).

O recorte reforça essa ideia de que a sociedade de consumo preza pela juventude e dita a velhice como algo a ser evitado, já que haveria modos “miraculosos” de se postergar o envelhecimento, como o uso de produtos de beleza. Com a ideia de que é possível evitar a *terrível* velhice, percebem-se efeitos de sentido de um preconceito contra a beleza na mulher idosa.

O recorte abaixo foi retirado de uma atividade gramatical, que trabalha tipos de predicado.

RD4:



Recorte 4: Cereja, William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Saraiva, volume 3, 2010, p. 325.

Nesse recorte, é possível perceber a representação do “velho” no uso do adjetivo *obsoleto*, remetendo não diretamente a uma pessoa idosa, mas a uma pessoa que está fora de seu tempo, que não segue os padrões consumistas, comuns à geração atual. Na sociedade do consumo, permeada pela tecnologia, que avança e se transforma muito rapidamente, existe uma pressão para que as pessoas acompanhem as novas tendências que vão surgindo ao longo do tempo, de forma que elas revelem padrões de identificação no seu grupo social

² Trecho original: “People cling to the illusion of youth until it can no longer be maintained, at which point they must either accept their superfluous status or sink into dull despair. Neither solution makes it easy to sustain much interest in life”.

(como ter um telefone celular do último modelo). Quem não acompanha as novidades, acaba sendo excluído e visto como um “estranho” no grupo.

O fato de o garoto ser chamado de “obsoleto” pelos colegas da sala por não ter um telefone celular expressa bem esse estranhamento. No seu grupo de amigos, ele é considerado antiquado, ultrapassado, por não seguir a tendência de ter um telefone celular, objeto que, na sua geração, “todo mundo tem que ter”.

Percebe-se, portanto, que aqueles que optam por não seguir as tendências tecnológicas são pessoas ultrapassadas e que não se encaixam na sociedade, o que poderia ser uma analogia às pessoas idosas, mais “resistentes” às mudanças e, em geral, com menos condições financeiras de seguir as tendências de consumo, que mudam rapidamente. Assim, como os produtos, os idosos que não podem comprar não têm mais valor na sociedade do consumo e são como produtos vencidos e que devem ser tirados de circulação (como visto nos recortes anteriores).

O garoto, que não segue as novidades de sua geração, é considerado um objeto velho, que não se usa mais, que não condiz com a modernidade da sua geração e, dessa forma, ele reclama ao pai por não fazer parte do grupo que possui telefones celulares.

Esse conflito entre geração antiga e geração nova está presente, ainda, na fala do pai - *pelo menos o vocabulário está aumentando*. Enquanto existe a desvalorização da geração antiga na atitude dos colegas de classe do garoto, existe uma desvalorização da geração nova na fala do pai do garoto. Sua reação ao que ouviu do filho é uma reação de espanto em relação ao aumento do vocabulário dos jovens, representado por seu filho.

Com isso, o pai, que representa a geração mais velha, parece demonstrar, por outro lado, um pensamento também depreciativo em relação aos jovens (já que se surpreende com o vocabulário sofisticado do garoto – *obsoleto*), revelando o preconceito também com os mais jovens, que teriam preocupações mais banais (o telefone) e um vocabulário menor. Podemos,

então, sugerir que o recorte pressupõe um choque de valores entre as gerações, como observado em outros eixos temáticos.

Considerações finais

Podemos concluir, juntamente com as reflexões do historiador e pensador Lasch (1991)], que a forma como o idoso é representado em nossa sociedade não é fruto exclusivamente de um contraste entre jovens e velhos, mas de uma sociedade narcisista, que desvaloriza o passado, cujos sujeitos estão focados em si mesmo, em seus desejos e na sua satisfação imediata. Refletimos, com esta análise, a respeito da influência do capitalismo sobre a vida dos sujeitos que, envolvidos na ansiedade por ter, possuir e produzir, atribuem à vida o mesmo valor que atribuem a produtos - os quais tem um ciclo de existência breve, já que são descartados e substituídos - não considerando valioso, portanto, o momento da velhice, em que a sabedoria adquirida ao longo da vida faz repensar o egoísmo do "ter, possuir e produzir", abrindo espaço para o interesse pelo outro e pela posteridade.

Esperamos, com este trabalho, provocar uma reflexão não somente nos jovens, mas em todos aqueles que, de alguma forma, se deixam levar pelo frenesi da tecnologia e do consumo pós-modernos, correndo atrás de ter o melhor para si, como se o amanhã não existisse e como se a velhice nunca fosse chegar, defendendo o "movimento pró-longevidade", como aponta Lasch (1991), que pode ser confundido com a busca de uma impossível imortalidade, o que pode esconder, na verdade, a grande fragilidade humana.

Referências

Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Amor líquido*. RJ: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CNE/CEB. *Diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio*. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de janeiro de 2012, seção 1, p.20.

- Falcon, Francisco Calazans. História e representação. In Cardoso, Ciro Flamarion e Malerba, Jurandir. (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.
- Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. 8ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. *Microfísica do poder*. SP: Graal, 2004a.
- _____. *A arqueologia do saber*. RJ: Editora Forense Universitária, 2004b.
- Gregolin, Maria do Rosário. AD: descrever- interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In Navarro, Pedro (org.) *Estudos do texto e do discurso – mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006, p.19-34.
- Gruda, Mateus Pranzetti Paul. Os discursos do politicamente correto e do humor politicamente incorreto na atualidade. In *Anais do III Colóquio da pós-graduação em Letras*. Assis-SP, 2011.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.
- Lasch, Christopher. *The culture of narcissism*. New York: W. W. Norton & Company, 1991.
- Paim, Paulo (org.). Estatuto do idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.
- Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. (1983). A análise de discurso: três épocas. In GADET, F. e HAK, T (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.
- Woodward, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.